

## CINCO

A única sala de depoimentos da delegacia já teve luzes que cegavam e oprimiam. Agora, é a vez de a escuridão cegar e oprimir. A maioria das lâmpadas está queimada e a penumbra é assustadora. O abandono pode ser visto em qualquer canto. As infiltrações formam camadas verdes nas paredes. A luz fica pendurada por um fio velho que balança com o movimento das pessoas, como se fosse a lâmina de uma guilhotina pronta a decapitar uma cabeça mais desatenta. Cadeiras quebradas, mesas sem tampo, papéis espalhados por todos os lados. A sala demonstra o estado de decadência da polícia, que vive apenas como uma sombra do que deveria ser e nunca foi.

A menina caminha vagorosamente até a janelinha da sala. Esconde o rosto com as duas mãos e chora baixinho. O detetive, sentado à mesa, fica em silêncio. Espera que ela se acalme para tentar começar uma conversa. Sabia que deveria ser sensível. Deveria entender as diferentes ações para poder reagir. Mas sempre sentia pena dos familiares. A família sempre é a verdadeira vítima. Achava complicado ter que fazer perguntas sobre a morte de alguém tão próximo. Sem conseguir se conter, tenta dizer algo para consolar a menina.

- Esse é o pior momento, eu acho.

Fungando, ela acende um cigarro, num ato rápido, nervoso, e destrambelha a falar com a voz chorosa e trêmula:

- Por quê? Por que agora, por que depois de tudo o que a gente passou junto? Por que depois de tudo? Por quê? Aquela fase, aquela fase horrível já tinha passado... Por quê? Otávio ficou péssimo quando o pai morreu.

O detetive pegou a caderneta e começou a fazer as anotações enquanto ela falava.

*Fase horrível tinha passado.*

- Que fase horrível?

- Ele morava com ela, com a mãe, e teve que se virar.

- Isso quando?

- Há muitos anos.

- Vocês já estavam juntos?

- Não, eu ainda não estava com ele, mas ele me contou. Não gostava de tocar no assunto, mas, depois que eu insisti muito, falou tudo. Ele ficou perdido, sem rumo com a morte do pai. Estavam sem se falar por uma bobeira que ninguém se lembrava direito. Era algo relacionado com a independência dele. Ele queria ser mais livre e o pai, como qualquer pai, queria tomar conta dele, e não aceitava que ele tivesse se transformado num homem, que tivesse uma vida a tocar, sem ela. Uma bobeira. Ninguém está certo e, ninguém quer admitir que o outro está certo e vão brigando por bobeira e, às vezes, o destino te prega uma peça.

- Sei.

- E para piorar a mãe não tentou ajudar. Não tinham uma relação boa. Viviam brigando. É por isso que ele se culpava muito, sabe? Achava que era o responsável pela morte do pai. Foi uma barra. Pelo menos ele diz que foi horrível. Ele *dizia*, ai meu deus... – a voz fica embargada.

*Problemas com o pai. Culpa. Depressão.* “Ser investigador é ser psicólogo”, se orgulha e não consegue deixar de pensar: “Saber montar quebra-cabeças emocionais. Entender o que acontece apenas a partir de gestos, interpretar declarações, enxergar o subterrâneo.”

- Com o tempo, ele viu que não tinha motivos para se sentir assim, sabe? Ou, pelo menos, eu já tinha a certeza de que ele pensava assim. De que não foi a atitude dele que matou o pai, sabe? Foi como se ele tivesse aprendido com a situação, sabe?

- Sim, sim...

- Decidiu nunca mais deixar os problemas crescerem. Ele repetia: “arestas soltas, nunca mais”, como se estivesse brincando com o fato. Nós ríamos, sabe? – a voz fica embargada – Nós ríamos... Ele pôde seguir. Sentiu saudade, como todo mundo, mas entendeu.

*Arestas soltas...?*

- E nesse período, ele escrevia?

Nitidamente empolgada – Meu Deus, como escrevia... Passava dias e noites naquela escrivania, aquela que queimou toda... Meu Deus, para quê? – a voz fica embargada novamente. – Não parava de escrever. Parece que ele gastou, parece que ele espremeu a alma até sair toda a amargura, toda a dor e a culpa que ele carregava nos ombros com relação à mãe.

*Escrita compulsiva...*

- É assim que eu entendi. Como se as palavras, as letras, o tivessem curado... Por que agora, meu deus? Recentemente, ele até tinha me falado em procurar um emprego, sabe? Ele fez faculdade... De letras... Português-inglês...

*Eserita => Cura pela escrita. Faculdade de letras...*

- Queria trabalhar com traduções... Gostava disso...

*Traduções.*

- Otávio era inteligente... Conhecia gente da área, ia pedir uma chance... E agora, isso... Eu não entendo. Juro que não entendo. Ele tava bem, tava bem mesmo. A gente tava passando um momento ótimo, não faz muito sentido... Ele sempre repetia que não gostava da vida, que era um infeliz, que nada fazia sentido, se levava muito a sério, era

bastante profundo, sisudo mesmo, vivia sozinho, só eu o visitava, mas, mas nunca pensei que fosse sério isso. Nunca.

*Inteligente. Sozinho. Se levava a sério. Profundo. Sisudo (?).*

Xavier observa aquela menina tão sincera e delicada falar sobre o namorado e fica com um pouco de inveja. Deixa-a tomar um fôlego e, em seguida, tenta ser o mais delicado possível:

- Então você acha que ele se matou?

Clara não responde. Olha para a parede perdida dentro dos seus pensamentos.